

Pedro Henrique de Oliveira Cabral¹
 Gabriela Boseja Condé Duarte¹
 Ana Lúcia Martins Paschoalino¹
 Fernanda Gabriele Fernandes de Moraes¹
 Daniela Cristina da Silva Guimarães²
 Sabrine Teixeira Ferraz Grunewald²

¹Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

²Departamento Materno Infantil, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

RESUMO

Introdução: A utilização da internet como fonte de informações sobre a saúde é comum na população brasileira, mas ainda são escassos os estudos que detalham esse comportamento em relação à saúde da criança. **Objetivo:** Descrever a frequência e os padrões de uso da internet para busca de informações em saúde por pais ou responsáveis de crianças atendidas em um Hospital Universitário Brasileiro (HU). **Material e Métodos:** Estudo transversal realizado em um HU com pais e responsáveis de crianças de 0 a 12 anos atendidas na enfermaria e ambulatórios pediátricos, com coleta de dados sociodemográficos, questionando sobre uso de internet para busca de informações sobre a saúde dos filhos, como dispositivos usados, fontes consultadas, e atitudes e comportamento diante dos resultados obtidos. **Resultados:** Um total de 89 responsáveis participaram da pesquisa, sendo a maioria de sexo feminino (87,6%), com média de idade de 33,4 anos. Do total, 58,4% das crianças estavam hospitalizadas na abordagem, enquanto 41,6% aguardavam consulta ambulatorial. A maioria (84,3%) dos entrevistados realizou busca na internet no último mês sobre a saúde da criança. O dispositivo mais usado foi o celular (100%) e a fonte mais usada foi o Google (89,3%). O relato de ansiedade percebida com os resultados obtidos pela busca foi frequente (86,7%), mas a busca por atendimento médico por conta das informações obtidas na internet foi incomum. **Conclusão:** A internet está amplamente incorporada ao cuidado pediátrico familiar como ferramenta complementar para compreensão de sintomas e tratamentos, e embora percebida como útil, a busca online associa-se a níveis relevantes de ansiedade e confusão, reforçando a necessidade de estratégias de educação por parte dos profissionais de saúde.

Palavras-chave: Saúde da Criança; Educação em Saúde; Uso da Internet.

ABSTRACT

Introduction: The use of the internet as a source of health-related information is common among the Brazilian population; however, studies detailing this behavior in relation to child health remain scarce. **Objective:** To describe the frequency and patterns of internet use for seeking health information among parents or caregivers of children treated at a Brazilian University Hospital. **Material and Methods:** This cross-sectional study was conducted at a Brazilian University Hospital and included parents and caregivers of children aged 0 to 12 years who were admitted to the pediatric ward or attending outpatient clinics. Sociodemographic data were collected, along with information regarding internet use for searching child health-related information, including devices used, sources consulted, and attitudes and behaviors in response to the information obtained. **Results:** A total of 89 caregivers participated in the study, the majority of whom were female (87.6%), with a mean age of 33.4 years. Of the children, 58.4% were hospitalized at the time of the interview, while 41.6% were awaiting outpatient consultation. Most respondents (84.3%) reported having searched the internet for information about their child's health within the previous month. The most commonly used device was the smartphone (100%), and the most frequently accessed source was Google (89.3%). Reports of anxiety related to the search results were frequent (86.7%); however, seeking medical care based solely on information obtained online was uncommon. **Conclusion:** The internet is widely integrated into family pediatric care as a complementary tool for understanding symptoms and treatments. Although perceived as useful, online health information seeking is associated with significant levels of anxiety and confusion, highlighting the need for educational strategies led by healthcare professionals.

Keywords: Child Health; Health Education; Internet Use.

✉ Sabrine Grunewald

Endereço: Av. Eugênio do Nascimento, s/nº, Dom Bosco, Juiz de Fora, MG.
 CEP: 56304-917

✉ sabrine.pediatria@gmail.com

Submetido: 30/03/2026

Aceito: 26/06/2026



INTRODUÇÃO

O uso da internet como ferramenta para busca e compartilhamento de informações consolidou-se como um dos fenômenos socioculturais mais marcantes das últimas décadas. No campo da saúde, essa transformação foi ainda mais significativa: indivíduos passaram a recorrer à internet não apenas para esclarecer dúvidas, mas também para participar ativamente de decisões sobre diagnóstico, prevenção e tratamento.¹ No contexto pediátrico, essa prática já é observada desde o início dos anos 2000, quando pais e responsáveis buscavam informações online antes das consultas médicas.² Nas décadas seguintes, a difusão de dispositivos móveis intensificou esse comportamento, motivando pais a se tornarem um dos grupos mais ativos na busca de dados sobre crescimento, desenvolvimento e sintomas, o que demonstra o caráter complementar da rede ao atendimento pediátrico.³⁻⁶

Durante a pandemia de COVID-19, o comportamento de busca digital foi ampliado. O isolamento social, as restrições de consultas presenciais e a necessidade de atualização constante sobre a doença fizeram da internet a principal fonte de informação para muitas famílias. Um estudo qualitativo demonstrou que pais recorreram à rede para compreender sintomas, medidas preventivas e protocolos, mas relataram sentimentos de confusão e sobrecarga diante do excesso de informações, o que ilustra o impacto da chamada "infodemia" sobre o bem-estar emocional e a confiança nas fontes de saúde.⁷ A falta de conteúdo cientificamente validado pode, por sua vez, agravar preocupações e dificultar a tomada de decisão clínica.⁸ Tais evidências reforçam a importância crucial da alfabetização digital em saúde,⁹ a qual se refere à capacidade de buscar, compreender e avaliar criticamente informações médicas em ambientes digitais, uma vez que a experiência digital dos pais é moldada por fatores como nível de escolaridade e percepção de credibilidade das fontes, o que acaba determinando não apenas o comportamento de busca mas também o impacto psicológico e prático da informação.¹⁰

No contexto brasileiro, o padrão de comportamento acompanha a tendência global, e pesquisas nacionais apontam que cerca de 94% dos usuários de internet no país já buscaram informações de saúde online,¹¹ e que pais e cuidadores de crianças frequentemente consultam plataformas como Google, Instagram e YouTube em busca de orientações sobre sintomas e prevenção.¹² No entanto, apesar da alta prevalência de busca, estudos nacionais indicam que apenas uma parcela reduzida dos cuidadores confia integralmente no conteúdo encontrado.¹³ Esse padrão ressalta a importância de pesquisas aprofundadas sobre a dinâmica da busca, especialmente considerando que as disparidades socioeconômicas e regionais no país

podem afetar a capacidade de discernimento sobre a validade das fontes.

Apesar desses avanços, persistem lacunas significativas na literatura. Poucos estudos no Brasil investigam de forma sistemática o perfil e o impacto da busca online por informações de saúde infantil, abrangendo dimensões sociodemográficas, cognitivas e emocionais. Ainda são escassas as análises sobre o efeito desse comportamento na relação entre pais e pediatras, bem como sobre as estratégias mais eficazes para promover o uso crítico e seguro da informação digital. Diante disso, compreender como pais utilizam a internet para buscar informações sobre a saúde dos filhos torna-se fundamental para aprimorar a comunicação médico-família, fortalecer a confiança no cuidado pediátrico e subsidiar políticas de educação em saúde digital.

O presente estudo tem como objetivo principal descrever e discutir a frequência e os padrões de uso da internet por pais ou responsáveis de crianças de 0 a 12 anos, atendidos em um Hospital Universitário Brasileiro, na busca de informações sobre saúde infantil, identificando as principais fontes utilizadas, as motivações e percepções sobre clareza e confiabilidade do conteúdo encontrado.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado com pais e/ou responsáveis de crianças de 0 a 12 anos incompletos atendidas no Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU-UFJF), tanto no cenário ambulatorial como em internação hospitalar. Para obtenção de informações sobre crianças hospitalizadas, os questionários foram aplicados a responsáveis que acompanham seus filhos durante hospitalização na enfermaria de pediatria do hospital. Para obtenção de informações sobre crianças atendidas ambulatorialmente, os questionários foram aplicados a responsáveis que aguardavam consulta nos ambulatórios de pediatria na unidade ambulatorial do hospital. A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e agosto de 2025. Foi utilizada uma amostra de conveniência, sem realização de cálculo de tamanho amostral.

Os critérios de inclusão foram: ser maior de 18 anos; e ser pai, mãe ou responsável por uma criança de até 12 anos incompletos em atendimento no HU-UFJF, em um dos cenários descritos. Como critério de exclusão, considerou-se o preenchimento incorreto ou incompleto do questionário.

Os responsáveis foram convidados a responder a um questionário estruturado com tempo de resposta estimado de 10 minutos, avaliando os seguintes aspectos: informações sociodemográficas dos responsáveis e das crianças em atendimento; motivos para a busca de informações na internet; dispositivos utilizados para busca; fonte de informações; assuntos mais buscados;

atitudes dos responsáveis diante das informações obtidas; percepção de sintomas de ansiedade ou sobrecarga com as informações obtidas. Para construção do instrumento de pesquisa, realizou-se revisão da literatura na busca por pesquisas semelhantes,^{2,6} com adaptação de seus instrumentos para os objetivos da pesquisa atual. Foi realizado um estudo piloto com oito familiares, para realização de ajustes no questionário.

As respostas desse estudo piloto não foram incluídas nos resultados do presente estudo visto que o questionário sofreu pequenas adaptações.

Para a análise estatística, os dados coletados foram organizados em uma planilha do programa Microsoft Excel e os testes estatísticos foram realizados no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22.0. A análise descritiva foi realizada com cálculo frequências, média e desvio padrão para as variáveis estudadas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do HU-UFJF (CAAE nº 85030824.6.0000.5133). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

Um total de 91 responsáveis participaram da pesquisa, porém duas respostas foram excluídas por estarem incompletas. Dentre os respondedores, a maioria era de sexo feminino (87,6%), e com média de idade de 33,4 anos. Predominaram responsáveis que não exerciam trabalho remunerado (51,4%), e tendo como escolaridade mínima o ensino médio completo (51,7%). As crianças eram predominantemente de sexo

masculino (57,3%) e com idade abaixo dos cinco anos (59,6%) e de raça/etnia branca (41,6%). A Tabela 1 traz detalhes dos dados sociodemográficos.

Dentre o total de entrevistados, 52 (58,4%) crianças estavam hospitalizadas no momento da abordagem, enquanto 37 (41,6%) aguardavam consulta ambulatorial. Na entrevista, 38 (42,7%) responsáveis informaram que a criança possuía o diagnóstico de alguma doença crônica. Do total da amostra, 75 (84,3%) informaram que realizaram alguma busca na internet no último mês sobre a saúde da criança. A Tabela 2 detalha as informações sobre as buscas realizadas por essa porção da amostra. O dispositivo mais frequentemente usado na busca foi o celular, utilizado por 100% dos participantes, e a maioria dos responsáveis realizou a pesquisa no mecanismo de busca do Google (89,3%), embora buscas em redes sociais diversas também tenham sido frequentes (37,3%). Os principais assuntos buscados relacionam-se a tratamento e sintomas do quadro clínico da criança (66,7% e 64,0%, respectivamente). A principal motivação para a pesquisa na internet foi uma melhor compreensão dos aspectos do atendimento, apontado por 89,3% dos responsáveis.

Em relação às atitudes dos responsáveis diante dos resultados das pesquisas na internet sobre a saúde das crianças, frequentemente as informações obtidas foram avaliadas como claras e corretas na maior parte das ocasiões. Foi frequente que as informações deixassem o responsável ansioso ou confuso pelo menos algumas vezes (86,7% e 77,3%, respectivamente), mas a busca por atendimento médico por conta das informações obtidas na internet foi infrequente. Esses resultados estão detalhados nas Figuras 1 e 2.

Tabela 1: Dados sociodemográficos da amostra (n = 89).

	n	%
Dados das crianças		
Sexo masculino	51	57,3
< 1 ano	20	22,5
1 a 4 anos e 11 meses	33	37,1
> 5 anos	36	40,4
Raça/Etnia		
Branco	37	41,6
Pardo	31	34,8
Negro	17	19,1
Outro	4	4,5
Ordem de nascimento		
1º filho	30	33,7
2º filho	29	32,6
3º filho ou mais	30	33,7
Dados do responsável		
Sexo feminino	78	87,6
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	20	22,5

Ensino fundamental completo	4	4,5
Ensino médio incompleto	19	21,3
Ensino médio completo	29	32,6
Ensino superior incompleto	7	7,9
Ensino superior completo	10	11,2
Estado civil		
Casado ou vive com um companheiro	51	57,3
Solteiro	32	36,0
Separado/divorciado	6	6,7
Situação ocupacional		
Não exerce trabalho remunerado	46	51,4
Trabalho em tempo integral	25	28,1
Trabalho em tempo parcial	15	16,9
Está em licença maternidade	3	3,4
	Média	Desvio padrão
Idade	33,4	8,6

Tabela 2: Características das buscas realizadas na internet sobre a saúde das crianças (n = 75).

	n	%
Dispositivo de busca de informações		
Celular	75	100
Computador ou notebook	4	5,3
Local de busca de informações		
Google	67	89,3
Redes sociais	28	37,3
ChatGPT	9	10,7
Sites de hospitais ou sociedades científicas	12	16,0
Fóruns ou comunidades para famílias	3	4,0
Assuntos buscados na internet		
Tratamento para o quadro clínico atual	50	66,7
Sintomas que a criança apresenta(ou)	48	64,0
Desenvolvimento da criança	31	41,3
Vacinação	22	29,3
Crescimento da criança	17	22,7
Amamentação e/ou alimentação	19	21,3
Tratamentos alternativos	3	4,0
Motivação para busca na internet		
Compreender melhor aspectos do atendimento	67	89,3
Preparar-se para uma consulta	20	26,7
Decidir a necessidade de levar ao médico	22	24,7
Esclarecer algo que não perguntou no atendimento	12	16,0
Encontrar tratamentos alternativos	11	14,7
Conferir informações da consulta	9	12,0
Obter contato com outras famílias	6	8,0

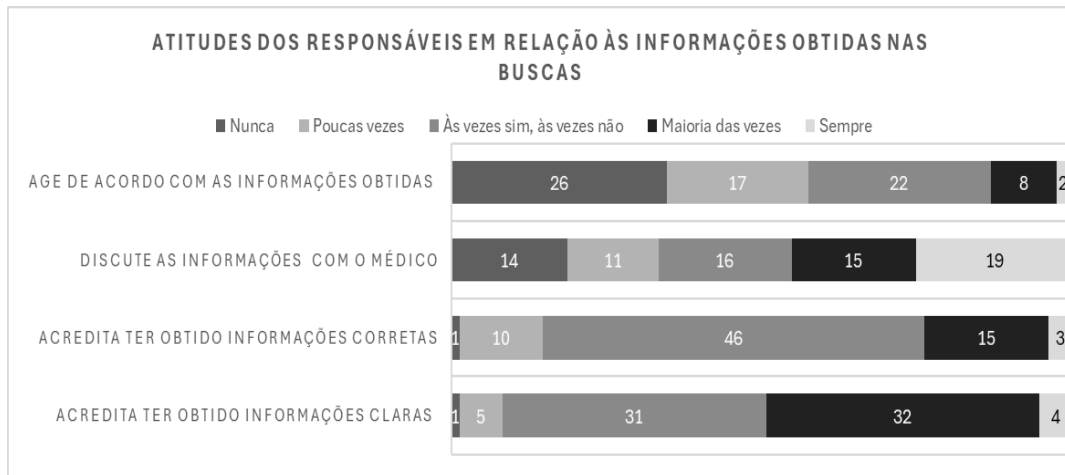


Figura 1: Gráfico representativo das atitudes dos pais e responsáveis relacionadas às informações obtidas em buscas na internet sobre a saúde dos filhos.

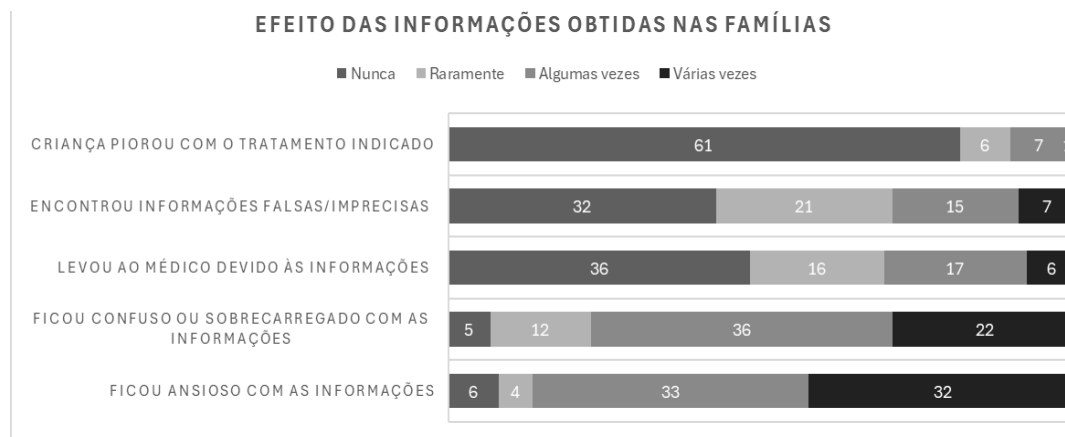


Figura 2: Gráfico representativo dos efeitos das informações obtidas em buscas na internet sobre o comportamento dos pais.

DISCUSSÃO

O presente estudo revelou que a busca por informações de saúde infantil na internet era uma prática quase universal entre pais e responsáveis da amostra, realizada predominantemente por meio de dispositivos móveis. Observou-se que a principal motivação para o uso da rede não foi substituir o médico, mas sim ampliar o entendimento sobre o quadro clínico e o tratamento da criança. Embora a maioria dos usuários entrevistados perceba as informações como claras, o impacto emocional parece ser significativo, com altos índices de ansiedade percebida e confusão relatados após as buscas.

A elevada prevalência de busca na internet, relatada por 84,3% dos respondedores, e o uso quase exclusivo do celular entre os participantes corroboram a tendência de “mobile-first” na saúde digital, na qual

a conveniência do acesso imediato supera barreiras físicas.^{3,11} Estudos internacionais recentes indicam que pais de crianças com doenças crônicas ou agudas recorrem à rede em busca de suporte que o tempo limitado das consultas presenciais por vezes não supre.^{14,15} Pesquisas multicêntricas conduzidas na Europa e na América do Norte demonstram que mais de 70% dos pais realizam buscas online antes ou após consultas pediátricas, especialmente diante de sintomas novos ou exacerbações de doenças crônicas, reforçando que a internet passou a integrar a trajetória assistencial padrão no cuidado infantil.^{16,17}

Um ponto de destaque é o uso de Inteligência Artificial (ChatGPT) por cerca de 10% dos participantes. Esse achado vai ao encontro do conceito de que estamos vivendo a “terceira era” da inteligência artificial na saúde, marcada por ferramentas generativas que tornam o acesso à informação médica mais rápido, porém

mais complexo. Isso reflete também uma transição tecnológica: enquanto o Google permanece como a “porta de entrada” principal entre os respondedores, a inteligência artificial generativa começa a ser utilizada para sintetizar informações complexas do atendimento, o que exige cautela, pois, assim como pode gerar esclarecimento, pode potencializar o risco de desinformação em massa.¹⁸⁻²¹ Estudos recentes avaliando modelos de linguagem de grande porte apontam desempenho variável na interpretação de cenários pediátricos, com tendência à simplificação excessiva ou omissão de sinais de gravidade em situações específicas, o que reforça a necessidade de supervisão profissional e uso crítico dessas ferramentas.^{22,23}

A motivação predominante de “compreender melhor os aspectos do atendimento”, referida por 89,3% dos participantes, sugere que as famílias utilizam a internet para decodificar a linguagem médica e validar condutas.¹ No entanto, a alta frequência de sentimentos de ansiedade percebidos em quase 90% dos entrevistados pode apontar para o fenômeno da cibercondria.¹⁷ A literatura define que a busca compulsiva, mesmo quando iniciada para esclarecimento, pode amplificar o medo de doenças graves devido ao viés de negatividade dos algoritmos de busca.¹⁷ Estudos longitudinais recentes demonstram associação entre maior frequência de busca de sintomas e aumento de ansiedade em cuidadores, particularmente quando há baixa alfabetização digital em saúde, sugerindo que o impacto emocional está diretamente relacionado à capacidade crítica de avaliação das fontes.^{3,24}

Diferente de décadas anteriores, a relação médico-família parece estar se tornando mais aberta ao conteúdo digital, com cerca de 45% dos pais da amostra discutindo as buscas com o pediatra na maioria das vezes. Essa atitude é fundamental, pois permite que o médico atue como um guia de alfabetização digital, filtrando o conteúdo de redes sociais que, embora muito utilizadas – por quase 40% da presente amostra – frequentemente carecem de rigor científico em comparação aos sites de sociedades especialistas, assim como o conteúdo gerado por inteligência artificial generativa.^{18,20}

Destaca-se que a realização do estudo em contexto hospitalar pode trazer resultados que não seriam extrapoláveis para o contexto da atenção primária, e, da mesma forma, que populações com características sociodemográficas diversas, como menor escolaridade, podem ter comportamentos diferentes quanto ao uso da internet.

Este estudo apresenta limitações que devem ser consideradas. O desenho transversal impede o estabelecimento de relações de causalidade entre a busca de informações na internet e os desfechos psicológicos nos pais e responsáveis. Além disso, a amostra restrita unicêntrica pode não refletir a realidade de pais em diferentes contextos socioeconômicos. Este

estudo empregou uma estratégia de amostragem por conveniência, e nenhum cálculo formal do tamanho da amostra foi realizado. Portanto, os resultados devem ser interpretados com cautela, visto que a amostra pode não ser representativa da população-alvo e o poder estatístico pode ser insuficiente para detectar certas associações. Adicionalmente, a utilização de dados autorreferidos pode introduzir viés de memória e desejabilidade social, e a ausência de instrumentos validados para mensuração de ansiedade ou letramento digital limita comparações diretas com estudos internacionais que utilizam escalas padronizadas.³

Apesar disso, o estudo apresenta pontos fortes relevantes, incluindo a análise simultânea de contextos ambulatorial e hospitalar, a inclusão de crianças com e sem doenças crônicas e a exploração do impacto emocional associado às buscas digitais, aspecto ainda pouco abordado em estudos nacionais. Ao abordar as motivações, fontes utilizadas e atitudes frente às informações encontradas, a pesquisa amplia a compreensão do fenômeno para além da prevalência, oferecendo subsídios para intervenções educativas estruturadas no cenário pediátrico. Estudos futuros devem avaliar estratégias de alfabetização digital pré-consulta, analisar longitudinalmente o impacto do uso de inteligência artificial generativa e explorar a relação entre nível socioeconômico, letramento digital e desfechos clínicos.

CONCLUSÃO

O presente estudo descreveu a frequência e os padrões de uso da internet por uma amostra de pais e responsáveis de crianças de 0 a 12 anos atendidas no HU-UFJF, identificando as principais fontes utilizadas, motivações para busca e percepções sobre clareza, confiabilidade e impacto emocional das informações encontradas. Seus resultados sugerem que a internet é amplamente incorporada ao cuidado pediátrico como ferramenta complementar para compreensão de sintomas e tratamentos, sendo predominantemente acessada por dispositivos móveis e mecanismos de busca tradicionais, com crescente presença de inteligência artificial generativa. Embora percebida como útil, a busca online associa-se a níveis relevantes de ansiedade percebida e confusão, reforçando a necessidade de estratégias estruturadas de alfabetização digital em saúde. Assim, ao atender ao objetivo de descrever e discutir o comportamento de busca digital nesse contexto específico, o estudo destaca a importância de integrar orientação sobre fontes confiáveis e uso crítico da informação ao atendimento pediátrico, fortalecendo a comunicação médico-família e promovendo um cuidado mais seguro e colaborativo.

REFERÊNCIAS

1. Kubb C, Foran H. Online Health Information Seeking by Parents for Their Children: Systematic Review and Agenda for Further Research. *J Med Internet Res* 2020; 22(8):e19985 DOI: 10.2196/19985.
2. Goldman RD, Macpherson A. Internet health information use by parents attending a paediatric emergency department. *Emerg Med J*. 2006; 23:345-48. DOI: 10.1136/emj.2005.026872.
3. McMullan RD, Berle D, Arnáez S, Starcevic V. The relationships between health anxiety, online health information seeking, and cyberchondria: Systematic review and meta-analysis. *J Affect Disord*. 2019 Feb 15; 245:70-278. DOI: 10.1016/j.jad.2018.11.037.
4. Karatas C, Caldwell PH, Scott KM. How paediatricians communicate with parents who access online health information. *J Paediatr Child Health*. 2022; 58: 2169-76. DOI: 10.1111/jpc.16176.
5. Baumann I, Jaks R, Robin D, Juvalta S, Dratva J. Parents' health information-seeking behaviour: does the child's health status play a role? *BMC Public Health*. 2020; 21(1):266. DOI: 10.1186/s12875-020-01342-3.
6. Yardi S, Caldwell PH, Barnes EH, Scott KM. Determining parents' patterns of behaviour when searching for online information on their child's health. *J Paediatr Child Health*. 2018; 54(11):1246-54. DOI: 10.1111/jpc.14068.
7. Negrone AJ, Caldwell PH, Scott KM. (2023), COVID-19 and Dr. Google: Parents' changing experience using online health information about their children's health during the pandemic. *J Paediatr Child Health*; 2023; 59: 512-8. DOI: 10.1111/jpc.16339.
8. Kumar G, Garg A, Goswami M, Rehman F, Bidhan R. Parents' attitude toward use of internet for child's oral health and treatment. *J Indian Soc Pedod Prev Dent*. 2020; 38(2):110-14. DOI: 10.4103/JISPPD.JISPPD_86_20.
9. Paakkari L, Okan O. COVID-19: health literacy is an underestimated problem *The Lancet Public Health*. 2020; 5, e249-e250. DOI: 10.1016/S2468-2667(20)30086-4.
10. Benedicta B, Caldwell PH, Scott KM. How parents use, search for and appraise online health information on their child's medical condition: A pilot study. *J Paediatr Child Health*. 2020; 56(2):252-58. DOI: 10.1111/jpc.14575.
11. Cetic.br. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2024. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. [Internet] São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2025. [citado em 2026 mar. 26]. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/pt-br/20251027170648/tic_domicilios_2024_livro_eletronico.pdf.
12. Sezefredo FP, Bragagnollo GR, Camargo RAAukar, Camargo RAS, Teixeira CRS, Pereira MCA. Mídias sociais digitais no acesso a informações de saúde baseadas em evidências. *Revista de Enfermagem UFPE on line*. 2022; 16(1): DOI: 10.5205/1981-8963.2022.252634.
13. Takao MMV, de Souza FS, Riccetto L, Evangelista-Poderoso R, Riccetto AGL, da Silva MTN. Pediatric allergy and immunology for patients and parents: challenges of developing website and social network during COVID-19 pandemic in Brazil. *Rev Paul Pediatr*. 2023; 41:e2022032. DOI: 10.1590/1984-0462/2023/41/2022032.
14. Treadgold BM, Teasdale E, Muller I, Roberts A, Coulson N, Santer M. Parents and carers' experiences of seeking health information and support online for long-term physical childhood conditions: a systematic review and thematic synthesis of qualitative research. *BMJ Open*. 2020 Dec 28; 10(12):e042139. DOI: 10.1136/bmjopen-2020-042139.
15. Gruebner O, Van Haasteren A, Hug A, Elayan S, Sykora M, Albanese E, Naslund J, et al. Digital Platform Uses for Help and Support Seeking of Parents With Children Affected by Disabilities: Scoping Review. *J Med Internet Res*. 2022; 24(12):e37972. DOI: 10.2196/37972.
16. Wainstein BK, Sterling-Levis K, Baker SA, Taitz J, Brydon M. Use of the Internet by parents of paediatric patients. *J Paediatr Child Health*. 2021; 57(9):1398-404. DOI: 10.1111/j.1440-1754.2006.00916.x.
17. Zheng H, Sin SJ, Kim HK, Theng Y. Cyberchondria: a Systematic Review. *Internet Research*. 2021; 31(2): 677-98. DOI: 10.1108/INTR-03-2020-0148.
18. Faria SMS, Costa DF, Sousa ARG, Costa CILP, Morna CCAFF. From Likes to Advice: The Influence of Social Media on Parental Health Decisions. *Pediatr Oncall J*. Forthcoming; 2025. DOI: 10.7199/ped.oncall.2026.78.
19. Howell MD, Corrado GS, DeSalvo KB. Three Epochs of Artificial Intelligence in Health Care. *JAMA*. 2024; 331(3):242-4. DOI:10.1001/jama.2023.25057.
20. Menz BD, Modi ND, Soricich MJ, Hopkins AM. Health Disinformation Use Case Highlighting the Urgent Need for Artificial Intelligence Vigilance: Weapons of Mass Disinformation. *JAMA Intern Med*. 2024; 184(1):92-6. DOI: 10.1001/jamainternmed.2023.5947.
21. Monteith S, Glenn T, Geddes JR, Whybrow PC, Achtyes E, Bauer M. Artificial intelligence and increasing misinformation. *Br J Psychiatry*. 2024; 224(2):33-5. DOI: 10.1192/bjp.2023.136.

22. Ayers JW, Poliak A, Dredze M, Leas EC, Zhu Z, Kelley JB, et al. Comparing physician and artificial intelligence chatbot responses to patient questions posted to a public social media forum. *JAMA Intern Med.* 2023; 183(6):589–96. DOI: 10.1001/jamainternmed.2023.1838.

23. Singhal K, Azizi S, Tu T, Mahdavi SS, Wei J, Chung HW, et al. Large language models encode clinical knowledge. *Nature.* 2023; 620(7972):172–80. DOI: 10.1038/s41586-023-06455-0.

24. Meppelink CS, Smit EG, Diviani N, Van Weert JCM. Health Literacy and Online Health Information Processing: Unraveling the Underlying Mechanisms. *Journal of Health Communication.* 2016;21(sup2):109–20. DOI: 10.1080/10810730.2016.1193920.